

A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO DURANTE A REPÚBLICA VELHA¹

Rafael Medeiros de Lemos
Raquel Cordeiro Guedes²

Resumo

Neste artigo procuramos abordar a organização social de algumas instituições desportivas e como se davam as relações entre elas através da análise de um dos esportes que mais se popularizou no Brasil, o futebol. Esporte este que se apresenta em todas as camadas sociais do país e como elas dialogam entre si tentando se impor em meados do início da República Velha. Entendendo que a proposta da História é ser a ciência que tem como foco de estudos dos homens em seu tempo, não podemos ignorar nenhuma das organizações onde ela apareça com força para a mudança. Levantamos hipóteses e tentamos respondê-las com base em obras sobre a temática. Do início do século XX até os dias de hoje, o futebol apresenta muitos conflitos e pode ser usado como objeto de estudo para entendermos a lógica das relações dentro de um contexto histórico.

Palavras-chaves: Futebol. Rio de Janeiro. Racismo.

Introdução

Neste artigo procuramos compreender como o futebol transformou-se no esporte mais popular do Brasil, para tanto, analisamos como este esporte surgiu e se desenvolveu na sociedade carioca do início do século XX, no período compreendido como República Velha. Para melhor compreender como este esporte tornou-se tão popular, fizemos um recorte dentro da organização deste esporte, o que permitiu-nos observar e analisar as mais complexas relações deste período histórico brasileiro, sendo este o ponto de partida para compreendermos a sociedade contemporânea como um todo.

O futebol, assim como as demais manifestações culturais, tem temporalidade própria e pode ser incluído em um contexto sócio-econômico. Podemos citar o enfrentamento das seleções do Brasil e União Soviética na Copa do Mundo de 1958. Qual era o contexto histórico da época? Guerra Fria e o Brasil vivendo o auge do nacional-desenvolvimentismo inspirado pelo "50 anos em 5" de JK, uma política clara de alinhamento ao lado do bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos. Este é apenas um exemplo de como o futebol

¹ Artigo apresentado na disciplina de História do Brasil III do professor Dr. André Luiz Reis da Silva.

² Acadêmicos de História na Faculdade Porto-Alegrense – FAPA.

serve como objeto de análise histórico. Porém, não há uma convergência diante deste esporte, já que este desperta grande controvérsia nos meios intelectuais do país.

Por muito estudiosos, o futebol está longe de ser considerado uma expressão estética e cultural legítima da sociedade, o que nos parece complicado, visto que o futebol é o esporte de todas as camadas sociais no Brasil e de uma forma metafórica, é uma representação do que acontece no mundo. Trata-se de uma chave para interpretar a realidade e a sociedade que ele faz parte, e o entendimento disto se dá por meio do estudo de ciências humanas como a antropologia e a sociologia, já que ele é capaz de unir individualidade, identidade e coletividade.

O “jogo de bola” hoje é globalizado, tem argentino aqui, brasileiro lá, imagina Hitler vendo que negros estão jogando pela seleção alemã, e até mulheres, antes relegadas as melhores acomodações foram postas em campo, no esporte que passou de nobre e cavalheiresco, para ríspido e viril. Para muitos, é considerado violento. O futebol branco e inglês ganhou um rei, negro, brasileiro e que um dia foi pobre, mas ainda que todos estes fatos tenham acontecido, vemos hoje o futebol feminino brasileiro sem nenhuma estrutura, jogadores brasileiros sendo ofendidos na Europa, como o lateral Roberto Carlos que teve o automóvel riscado com a palavra “macaco” na Espanha, torcedores imitando macacos referindo-se a jogadores negros, tanto no futebol europeu como no brasileiro, ou até mesmo chuva de bananas na entrada em campo do jogador africano Olisabede que é naturalizado polonês. Por que isso ainda acontece? Por isso procuramos saber um pouco mais a respeito do nosso futebol, fazendo um recorte na cidade do Rio de Janeiro, afim de que partes desta questão possam ser respondidas.

O Remo, o antecessor do futebol carioca

O fim do século XIX e início do século XX é um momento de transição na história brasileira, o país passara de Monarquia para a República, alterando o cenário político do país, num processo feito de forma pacífica e articulada, mantendo o povo “bestializado, atônito, surpreso sem conhecer o que significava” como dizia o republicano Aristides Lobo. Sendo fielmente representada nos livros didáticos com a fotografia do Marechal Deodoro da Fonseca, que assumiria como primeiro presidente do país.

No fim do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, distrito federal da época, chegava aos 500 mil habitantes, quando começam a aparecer os clubes – ou grupos, como alguns se chamavam – de regatas mais famosos, como Clube de Regatas Vasco da Gama (21 de Agosto de 1898), Clube de Regatas Flamengo (17 de Novembro de 1895), Clube de

Regatas Botafogo (1º Julho de 1894) Club de Regatas São Christovão (1899), entre outras agremiações. Fazia tempo que existiam os clubes de remo, a marinha brasileira apoiava esse esporte desde o tempo da monarquia, sendo que até Dom Pedro II presenciou algumas regatas.

No ambiente carioca, o remo se destacava como principal esporte da capital federal, trazia aos finais de semana um pequeno aglomerado de pessoas educadas para prestigiar as margens da baía de Guanabara as competições entre os barcos dos diversos grupos esportivos. Configurava-se até uma expressão quando o fluminense queria dizer que o domingo nascera bonito, dizia ser um “domingo de regatas”. Oficialmente o esporte só teve a sua primeira regata no dia 5 de Junho de 1898, ainda que se registrem outras regatas, como a chamada “Regata da Abolição” realizada dez anos antes no dia 13 de Maio com participação das escolas Militar e Naval.

O remo se manteria como o principal esporte da elite na virada do século, tendo como principais palcos a praia de Botafogo e a Lagoa Rodrigo de Freitas, estima-se que a última chegou a receber públicos de cerca de 50 mil pessoas, o esporte só começaria a perder espaço após 1902 através do surgimento dos primeiros clubes de futebol da cidade. A chegada dos esportes bretões – futebol e cricket – e o começo da inclusão de pessoas mais humildes no remo (principalmente como espectadores). O remo começara a ter um apelo popular nos espaços antes habitados somente pelas classes ricas da cidade, a presença de pobres retirou um pouco do glamour do esporte que acabou dividindo lugar com as modalidades importadas da terra da Rainha.

O football chega ao Rio de Janeiro

Descendente de ingleses, o aristocrata Oscar Cox trouxe o futebol para o Rio de Janeiro em 1897, ainda com o nome de football e com pouca popularidade, o esporte começou a se desenvolver a partir de 1902 quando surgiu o primeiro clube da cidade, o Fluminense Football Club, fundado por Cox e amigos. Era o início do futebol na cidade, que teria com o seu surgimento um forte apelo de identidade, onde no “primeiro tempo” deste jogo só haveria espaço para os ingleses e a elite branca do país, o povo teria que esperar para o “segundo tempo” a participação de negros, brancos pobres, enfim os excluídos da sociedade da capital federal.

A infância do futebol como definem a maioria dos autores é protagonizada pela elite, que forma clubes como o Fluminense Football Club, o Botafogo Football Club, e o Paysandu Cricket (clube que aceitava apenas britânicos, ou descendentes destes no

elenco) entre outros. Era o tempo em que os jogos, ou “match’s” como freqüentemente eram chamados, acabavam sendo disputados nos glamurosos campos de cricket da cidade. Nesta época os jogadores eram impecáveis cavalheiros. Para melhor explicitar o acontecimento social que se tornara o esporte um fragmento de Joel Rufino dos Santos:

Um *match* no *field* do Bangu Athletic Club, aí por volta de 1910, devia ser um espetáculo mimoso. Moças loiras e perfumadas na assistência. Jogadores impecáveis nos seus calções e meias importados. A grama, que servia também ao cricket, aquecida pelos últimos raios de Febo. Antes de iniciar o meeting, os hip-hurras! E, depois, no final, o vencedor cantando, com o hálito de whisky, o tradicional ‘when more we drink together, more friends we be (SANTOS, Joel Rufino. História Política do Futebol Brasileiro, 1981, p. 15).

Este trecho ilustra não só como o futebol se configurava como acontecimento social da elite, bem como uma extensão do imperialismo inglês que vigorava no Brasil, fazia-se de tudo para que o esporte fosse praticado exatamente ao modo britânico, quando eram distribuídas cartilhas exemplificando o modo de jogar, as formas de se dirigir ao adversário, e as freqüentes expressões na língua inglesa para manter o cavalheirismo e o “fair Play”, por exemplo, a cada falta feita no jogador adversário se ouvia a palavra “sorry”, na torcida observavam-se homens e mulheres vestindo-se com classe, as crianças usando as famosas roupas de passeio, sem contar as sombrinhas das mulheres e tudo mais que pudesse ostentar o glamour do evento.

Em 1906, o futebol já havia ganhado o status de principal desporto, tinha início o primeiro campeonato carioca da história, a competição ocorreu com seis equipes: Botafogo Football Club, Bangu, Football & Athletic, Rio Cricket, Fluminense e Paysandu Cricket, no entanto, vale lembrar que o Botafogo Football Club fundado em 1904, ainda nada tinha haver com o Clube de Regatas Botafogo (apenas em 1942 ocorrerá à fusão que dá origem ao Botafogo Futebol e Regatas), o torneio nascia com a esperança de ser uma competição tão charmosa, tradicional, elitista e britânica quanto o torneio de Wimbledon. Contudo, os bairros do subúrbio também começavam a ser sede de clubes, bairros como Mangueira e São Cristovão, ao final do ano de 1906, o Rio já chegara a mais de trinta clubes na cidade, porém, os clubes pertencentes a liga mantinham-se alheios a tal fenômeno, pois só jogavam entre si, onde não eram aceitos como amadores pessoas de “cor”.

A bola também chega até o povo

Os novos rumos do país faziam da capital federal um caldeirão social, étnico, político e econômico. Com a abolição da escravidão, os negros foram integrados ao “mercado livre”, aumentando consideravelmente o número de desempregados e subempregados da

cidade, que no fim do século XIX já começara a sofrer com o grande afluxo populacional, pois era alto o número de imigrantes, tanto da Europa como de outras partes do Brasil para a cidade fluminense. Na primeira década do século XX, o futebol começara a se dissipar nestas camadas mais pobres, afinal estas carecia de um esporte, pois a capoeira, muito popular nesta camada social, havia sido proibida com a mudança do regime para a República. Porém, um dos fatos que levou o *football* aos desfavorecidos, foi à idéia de higienização da cidade, a política do “Bota Abaixo” como ficara conhecida a política do prefeito Pereira Passos, que jogara na rua milhares de pessoas. Algumas destas pessoas já haviam perdido emprego com a crise comercial de 1903-04 e formavam um novo desenho da cidade. Esta política derrubou vários cortiços e casas, obtendo-se novos espaços abertos onde apareceram cinemas, avenidas, automóveis, e nos terrenos baldios surgiam os primeiros campos de *pelada*, no mesmo ano houve a repressão sobre os capoeiristas durante a Revolta da Vacina. Sem a capoeira, restava aos pobres o jogo de bola que era praticado sobre os terrenos remodelados da cidade. O governo do Rio de Janeiro observa essa mudança e, inclusive viria a estimular o futebol nestas populações, pois julgava esse desporto menos perigoso para a sociedade que a capoeira, além disso, o esporte ajudava a diminuir as tensões sociais, uma vez que as pessoas de baixa renda também teriam um esporte para a diversão.

Mas os clubes da cidade não tinham vez para a população mais pobre, o amadorismo tratava de impedir a chegada destes aos *teams* mais tradicionais, porém nesta fase branca e inglesa do nosso esporte, já se notava os efeitos colaterais que acabariam com ela, a camada popular, de alguma maneira já participava do jogo, seja nas gerais ou, simplesmente, aproveitando os instantes que a bola passava sobre o muro pelo qual espiavam o espetáculo. Foi também neste período, que o Fluminense Football Club recebeu seu famoso apelido de *Pó de Arroz*, quando o jogador Carlos Alberto, um mulato, tentava disfarçar-se de branco e elegante passando pó de arroz no rosto, mas não conseguira escapar dos gritos das torcidas adversárias.

Corre pela última vez ao espelho e tome nova camada de pó-de-arroz! Retira cuidadosamente a gorra de meia – o cabelo duro assentado até o cocuruto[...] [...] Carlos Alberto está quase feliz. Ninguém o xingou até aqui. Será que escapa desta vez? De repente – o grito da geral trespassa-lhe o coração: “Pó-de-arroz”. Campo do Fluminense, Rio, 1912.” (SANTOS, 1981, p. 16).

No primeiro momento, devido à elitização, a discriminação era evidente com a exclusão de negros e brancos pobres do futebol brasileiro. Até a década de 1920, o futebol deveria ser praticado apenas pelos elementos “sãos”, “puros”, cordiais, ricos e de

origem letrada e para isso as ligas criaram mecanismos – como a cobrança de altas taxas de filiação – de modo a fazer do futebol um espaço de diferenciação e uma marca da "superioridade" da elite branca e abastada. No entanto, esta classe social não conseguiu garantir o monopólio do novo esporte. As fábricas e companhias inglesas foram as principais responsáveis por essa difusão e popularização do esporte. Quando da conquista vascaína do título carioca – com um time recheado de negros, brancos pobres e analfabetos –, as ligas e os grandes clubes tiveram de repensar a proibição dessas pessoas no futebol "oficial", assim como, a remuneração dada a estes jogadores e a imagem do atleta de futebol. Essa era a fase do "amadorismo-marrom" e do início da inserção dos negros, mestiços e pobres nestes clubes, ainda que de maneira lenta e cercada de preconceitos.

A profissionalização do futebol só veio de fato em 1933, gerando nas classes antes excluídas a possibilidade de ascensão social e econômica. Os negros e mestiços para garantir sua participação e aceitação no esporte passam a inventar inúmeros dribles, porém, continuando a cuidar para o menor contato corporal possível com os outros jogadores, evitando as faltas, que raramente eram marcadas quando sofridas por jogadores de "cor". É desse "método de jogo" que nasce o que viria a ser denominado *futebol arte*. Mesmo com a participação das camadas populares a discriminação continuava latente dentro dos clubes e até mesmo por parte da opinião pública, pois quando ganhavam, as tradições culturais negras eram exaltadas, quando perdia, a sua "inferioridade racial" voltava à tona e transparecia.

"O futebol expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária" (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 85). A partir desta consideração podemos observar claramente o descompasso entre o mito ideológico da democracia racial no Brasil e a discriminação efetiva contra negros e mestiços. No entanto, se tratando de pesquisas mais profundas carecemos de informações e perdemos muito com a falta de contribuição para um melhor entendimento da presença do negro no futebol, visto que este é levado à segundo plano pelos setores conservadores da época. Como até hoje pode ser percebido, o racismo continua impregnado na sociedade brasileira, e até mesmo de forma inconsciente ou velado, o que dificulta uma pesquisa por falta de fontes escritas. Basta-nos recorrermos a um conjunto de informações não embasadas cientificamente, entretanto é um facilitador para estabelecer pontos em comum que nos levem para uma memória coletiva e para as suas identidades. Alguns estudiosos entre eles Roberto Da Matta usam-se do futebol como um fenômeno cultural revelador da nossa sociedade, o

que de certa forma nos capacita para que tenhamos uma base teórica para a elaboração da defesa desta idéia de uma abordagem histórica voltada às relações com uma abordagem humana do futebol.

Sul-Americano de 1919 e o Amadorismo-Profissionalismo dos anos 1920

Hoje, a seleção brasileira é considerada um ícone de popularidade dentro do mundo do futebol, não há canto do mundo em que ela não seja conhecida. O Campeonato Sul-Americano de 1919 – que seria disputado em 1918, mas adiado para 1919, devido à epidemia de gripe espanhola no país –, é considerado por alguns, um dos momentos iniciais da identidade nacional da seleção, afinal tratava-se de um torneio de seleções disputado na capital federal brasileira, atualmente tal campeonato, seria motivo para o país parar e jogar junto com o esquadrão verde amarelo, porém em 1919, a seleção vestia branco, e estava sendo acompanhada apenas pela população do Rio de Janeiro, que se mobilizara como um todo, desde o governo que possibilitara um desconto de passagens as delegações dos outros disputantes do campeonato, até a população que esforçava-se para pagar o preço dos ingressos. A grande final que o Brasil vencera, fora disputada no novo estádio das Laranjeiras do Fluminense, o povo do Rio de diversas formas mostrava identificação com a “pátria de chuteiras”, todos davam um jeito de saber como fora o jogo, seja por alguma brecha do muro, pelo barranco, telégrafo, ou placares que colocavam os resultados.

Enquanto os cariocas se envolviam com o Sul-Americano, jornais dos outros Estados envolviam-se apenas com os campeonatos regionais, o campeonato Sul-Americano só veio a ser notícia quando da chegada nos cinemas dos filmes dos jogos.

“[...] GRANDE E SENSACIONAL CAMPEONATO SUL AMERICANO DE Foot-ball – o maior e mais extraordinário torneio da AMERICA DO SUL - Film completo em 2 séries, contendo todos os aspectos e detalhes do grande acontecimento sportivo.- SCENAS EMOCIONANTES DE PATRIOTISMO BRASILEIRO. – o jogo em todas as suas phases mais empolgantes – 40.000 pessoas torcendo ansiosas ao desenrolar das luctas!!! – A alma brasileira vibrando de entusiasmo pelo êxito dos nossos jogadores” (ANNUNCIOS. Minas Gerais, Belo Horizonte, 15 de Junho de 1919. p. 16).

Após o Campeonato Sul-Americano de 1919, os jogadores brasileiros começaram a se destacar, aparecendo para outros países. Nos anos 1920, inicia o êxodo de futebolistas do país, principalmente para o Uruguai e Argentina, mas também o mercado europeu – Itália e Espanha –, a sedução usada pelos cartolas estrangeiros era o profissionalismo, no caso europeu, além da oportunidade de ser profissional, o atleta com descendência do país

tinha facilidade para se naturalizar. Assim como os clubes do resto do Brasil, os clubes do Rio de Janeiro se mantiveram como desportistas amadores, afinal o amadorismo era o artifício da classe dominante para ser a detentora do futebol, pois eram estes que dispunham de tempo e dinheiro para se dedicar aos desportos, no entanto o já citado anteriormente “amadorismo marrom” começara arruinar o “esporte bretão” nos moldes antes idealizados, e que perdia cada vez mais força com a saída dos ídolos dos clubes para fora do país durante toda a década de 1920, acelerando o processo que desencadeia na chegada do profissionalismo em 1933, quando jogadores como Leônidas aprenderam a usar sua imagem e se valorizarem como “Mão-de-obra”, antes disso eram times inteiros que iam sem qualquer remuneração. O Vasco da Gama, por exemplo, no início dos anos 1930 perdeu seus jogadores importantes após uma excursão a Europa, ficaram por lá Fausto (considerado melhor jogador da época) e Jaguaré, encantados pelos benefícios oferecidos pelo Barcelona, o amadorismo permitia situações parecidas no próprio Brasil, como a formação do departamento de futebol do Clube de Regatas Flamengo, em 1911, o futebol flamenguista surgia após a dissidência de 10 jogadores do Fluminense, o detalhe é que estes atletas além de futebolistas do tricolor carioca, eram remadores do Flamengo, e que já possuíam uma rivalidade com o Botafogo Futebol Clube, por conta dos jogos nas Laranjeiras. Desta forma, nascia um dos clubes mais populares do Brasil, mas que porém, o departamento de futebol não encarava desta forma, Mário Filho famoso jornalista dizia que os dirigentes flamenguistas aceitavam negros no atletismo, no remo, em outras modalidades, mas que futebol não era para *eles*.

Assim como o racismo, o bairrismo atingia o futebol brasileiro, como no sul-americano de 1921, quando o presidente Epitácio Pessoa “pediu” a Confederação Brasileira do Desporto, CBD, que não convocasse jogadores de “cor” para uma competição no Chile, a fim de preservar relações com os demais países do continente, argumentando que tal medida seria para evitar constrangimento aos jogadores da seleção. A medida foi aceita, e o Brasil fracassou no torneio vencendo apenas um jogo contra o Paraguai, a vitória de 3 a 0 sobre os paraguaios, e que teve diferentes versões na imprensa, a Paulista atribuía o triunfo ao seu estado, enquanto os cariocas zombavam dos cronistas de São Paulo, creditando a glória aos jogadores do Rio de Janeiro.

A nova organização do futebol carioca

O Vasco da Gama não foi o pioneiro em romper com as barreiras raciais e sociais no espaço do futebol, visto que o Bangu já aceitara negros antes, porém o Vasco colocava-se

no papel de representante da luta anti-racista e anti-segregacionista existentes no futebol da época. Há quem defenda a idéia da não existência de racismo apontando outros negros de destaque dentro da sociedade da época, no entanto isso não nega que o Vasco da Gama foi o primeiro clube a ter negros e mulatos como jogadores em uma equipe vitoriosa.

O Vereador do Rio de Janeiro Antônio Pitanga, em 1998, elaborou uma proposta de lei na qual seria obrigatório o estudo da história do Vasco nos currículos escolares, pois este teria revolucionado o futebol, em direção a democracia racial, já que os negros quando venceram o time de brancos burgueses, alias vitória não aceita pelos clubes dos brancos, e a tentativa de excluir o Vasco da Gama da Liga carioca de futebol.

Para entender melhor a dinâmica do futebol carioca na época, colocaremos como se deu a fundação da AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – que é apontada pelas narrativas como um dos principais indícios da mentalidade racista que rondou o futebol carioca na década de 1920. Podemos observar a fundação da AMEA como uma espécie de mantenedora do amadorismo, em um esporte que se popularizou rapidamente, alias não foi só no Rio de Janeiro que houve uma cisão entre as entidades esportivas ela pode ser apontada em outros estados brasileiros. Usualmente as instituições são um meio para manifestações já que criam uma certa unidade e é permitida a voz a seus participantes, o que pode causar a recuperação das instituições a partir da reformulação da proposta, quanto a degeneração pondo fim a organização, e é nesta lógica podemos entender o porque a fundação da AMEA pode ser considerada um marco já que haviam muito conflitos entre membros que defendia a elitização e os que defendiam a popularização do esporte. Antes da fundação da AMEA a entidade reguladora do futebol, carioca era a METRO (Liga Metropolitana de Esportes Terrestres) que regulou os campeonatos estaduais até um ano após a vitória do Vasco da Gama no estadual de futebol, isto é, 1924. Dentro de um ponto de vista administrativo populista os grandes clubes pertencentes à liga estavam insatisfeitos e sendo eles os mantenedores financeiros da organização, pois tinha estádios próprios e grandes torcidas possuíam poder dentro dela.

A dissidência de grandes clubes cariocas e a formação de uma nova entidade esportiva mexeu muito com a organização do esporte e gerou especulações na imprensa quanto real motivo dos desentendimentos que findou com a fundação da AMEA, neste contexto da fundação de foram geral a nova proposta beneficiava os grandes clubes em detrimento aos pequenos, a intenção era clara em tornar os clubes especialistas em futebol em clubes generalistas disseminando a cultura do esporte no país. Para tanto se

usou de critérios e regras para a participação e permanência dos demais clubes dentro da associação tornando-os aptos a competir. Para o que nos interessa no momento podemos citar entre tais regras a de que os times só poderiam ser formados por trabalhadores que não exercessem funções subalternas e por estudantes. Sendo assim o amadorismo era um elemento dissimulador do racismo e da segregação, o que denota não proibição, mas sim resistência à participação de negros em jogos oficiais “ a AMEA não proibiu que negros fossem escalados nos times, mas criou uma série de a serem obedecidas pelos clubes”.

Na época da METRO a questão do amadorismo era pouco controlada, por isso alguns clubes estavam profissionalizando veladamente seus jogadores de futebol, que estava tornando o esporte cada vez mais popular no país e as questões amadorismo popularização estão intimamente ligadas a isso. A questão do amadorismo era um tanto incomoda para os grandes clubes, o Vasco como clube já possuía tradição nos esportes náuticos e em outros esportes, portanto esse item não o incomodava, porém ele estava aliado aos pequenos clubes na tentativa de garantia de direitos. O que temos hoje é que a questão racial, social ou o amadorismo pouco tiveram de contribuição para a dissolução da METRO, a questão era financeira já que os clubes que sustentavam o espetáculo esportivo do futebol queria privilégios o que acabou por fazer com que estes abandonassem a antiga liga e formasse uma nova onde eles seriam os dirigentes. Esta nova instituição recebeu o apoio quase que total da imprensa.

A questão do amadorismo e que aqui pode ser entendida também como segregação social e racial e percebida em uma das emendas do regulamento interno da nova instituição, onde em um dos artigos é proposto o controle da vida dos atletas, os dirigentes também deveria ter sua vida pública e privada investigadas, para que lhe fosse atestada a idoneidade. Porém a vigilância de fato era direcionada aos jogadores para o que eles chamavam de ética do amadorismo, “*Ética que traduzia em elementos de distinção social e pertencimento desinteressado ao esporte*”. (BOURDIEU, 1990; Elias 1993; Elias e Dunning, 1992; Mandell, 1986).

Lutar pelo controle do amadorismo seria, talvez, uma forma de controle dos times pequenos e de autocontrole financeiro para os grandes, para que os jogos continuassem como uma forma de lazer para a elite, limitando e retardando a profissionalização.

Os jornais elogiavam a estratégia da entidade no controle do amadorismo e acreditavam na volta dos bons tempos, onde os cavalheiros de educação aprimorada voltariam a dar brilho ao esporte. (Antônio Soares)

Em relação a questão racial pouco é mencionado nas obras analisadas, a questão da gestão e dos conflitos pela dirigência da entidade sim são ressaltados a todo momento, podemos assim notar que a questão racial está intrincada e vem a reboque na luta dos grandes clubes com os pequenos pela popularização e profissionalização, além do que mudanças de tabelas e limitações visavam sempre beneficiar os grandes clubes que eram os fundadores deixando pouco espaço para a participação dos pequenos nas tomadas de decisões. O que muitos queriam com a nova instituição era a moralização do futebol no cenário nacional, coisa que não ocorre com o previsto e desejado, o Vasco posiciona-se pela reforma e inovação do esporte e a crise explode com o desligamento dele da associação, em sua menção de repúdio ele, entre outros argumentos, menciona que não concordava com o processo de sindicância realizada sobre as posições sociais de seus jogadores, a questão racial mais uma vez não é citada, o que é explicitamente aludido como motivo de discordância é a investigação da vida social de seus jogadores o que inclui sem dúvidas a questão racial. Em resposta ao Vasco os dirigentes da AMEA tinha como principal argumento tentar provar que o Vasco praticava o semiprofissionalismo ou o amadorismo marrom como eram chamados os negros jogadores na época. Tem-se por idéia que a questão do amadorismo era usado como disfarce para as intenções de não permitir que negros se profissionalizassem, era tido este cuidado mesmo não havendo leis anti-racial para que a opinião pública não se levantasse a favor dos pequenos.

O Vasco acaba retornando a METRO e sendo campeão em 1924 repetindo o feito do ano anterior. Mesmo após a pesquisa não encontramos indicio real que prove o racismo contra os jogadores vascaínos apenas conflitos em relação à plataforma proposta pela associação esportiva. A uma versão para a qual as dissidências ocorreram devido a uma mentalidade racista que permeava toda a sociedade brasileira da época, o que inclui o futebol como um dos segmentos.

Com base nas análises de dados e a interação entre estes podemos observar que há um interesse dos clubes e a articulação em torno da oposição amador/profissional na explicação da dinâmica do futebol da época e de suas instituições no que diz respeito ao racismo e à segregação. As acusações contra o Vasco se baseavam na idéia de que este tinha sido campeão pois tinha atletas que se dedicavam exclusivamente ao esporte, sendo assim tinha preparação física o que caracteriza uma profissionalização e um desequilíbrio entre os outros clubes que tinha a recreação como objetivo.

A METRO em virtude da sua política populista tinha membros que discordava da sua postura, já que a maioria dos grande clubes, entre eles Flamengo, Fluminense, lutavam contra o desenvolvimento da generalização da cultura esportiva e usavam como argumento a sua condição financeira, isto é, de mantenedores do esporte. Aqui podemos fazer um gancho com a política e a economia brasileira na época, comparando os grandes clubes e suas reivindicações com as da industria brasileira em relação aos produtos importados. Os industriais brasileiros pedem proteção ao Estado e a redução de impostos por gerarem empregos, e pedem para sobre-taxar os produtos importados, muita vezes ao custo da ineficiência, realizando assim um projeto de reforma no sentido de lhes assegurar direitos especiais, nisto fundam uma nova entidade de acordo com os seus interesses.

Os dados aqui arrolados desmistifica o Vasco como um defensor de direitos e igualdades para os negros e pobres até então excluídos do esporte. O futebol era um esporte popular e de massas no inicio de 1924. Segundo Antônio Jorge Soares: *“Os clubes já não podiam prescindir do prestígio do futebol, nem do também orçamento gerado pela bilheteria dos jogos; também não podiam prescindir do bom jogador, independente de sua ‘raça’.”*

Além do mais pouco se encontra para se defender a hipótese de racismo, esta é enfraquecida quando observamos a situação do Bangu, que tinha negros que foram aceitos na AMEA porque sobre eles não existiam duvidas quanto ao amadorismo, estes eram operários da fabrica localizada no bairro que acabou por dar nome ao clube. Entretanto, qualquer negro, sem nome familiar ou profissão de prestígio, que aparecesse para jogar em time da primeira divisão tinha sua condição de amador colocada sob suspeita. Não se pode esquecer que a maioria dos negros e mestiços daquela sociedade ocupava posições inferiores e empregos subalternos, isto não significa que a cor ou “raça” fosse motivo de suspeita da condição social do jogador de origem familiar desconhecida, pelo preconceito que associa raça e classe social.

Conclusão

O esporte que leva milhões de pessoas aos estádios, e que já conquistou os cinco continentes, não havia de ser apenas um jogo, afinal como diz o fluminense (em ambos os sentidos) Nelson Rodrigues, *“o pior cego é o que só enxerga a bola”*. Durante o trabalho notamos que a cidade do Rio de Janeiro se redesenhou no início do século XX e abraçou o futebol na sua nova rotina, seja pelo novo desenho geográfico, ou facilidade da prática do

esporte, afinal só é necessário uma bola (ou algo parecido a uma), e até mesmo como efeito colateral do Sul-Americano realizado na cidade. A verdade é que o futebol no Brasil foi tomando dimensões tão grandes na década de 1930, Getúlio Vargas se utiliza do futebol como elemento de atração do povo, ligando este a um sentimento de identificação com a “nação brasileira”.

Tendo como base toda a pesquisa desempenhada, acreditamos que o negro e o pobre não tiveram influência na abertura dos clubes para a participação popular, mas foi com a necessidade destes que buscavam nele o diferencial o que fazia parte do processo de desenvolvimento e adaptação do esporte no Brasil, e as dissidências são parte do movimento rumo à profissionalização até então dificultada pelas elites que regulavam o esporte no país na tentativa de criar um espaço onde o negro e o pobre não participassem, o que não aconteceu já que com a profissionalização o futebol passou a ser uma alavanca para a ascensão social dos até então excluídos.

Fica explícito neste artigo que o preconceito racial foi velado pela história oficial dos clubes e associações da época. Nesse período sempre que os negros começam a ter alguma ascensão no futebol acabaram barrados por argumentos do tipo “não expor os atletas de ‘cor’ ao constrangimento”, tabelas modificadas favorecendo clubes tradicionais (ricos e brancos), e por isso a conquista vascaína nos anos 1920 é ressaltada até hoje, pois foi a primeira conquista de um time “humilde” no futebol brasileiro. De uma forma ou de outra a sociedade brasileira da República Velha era preconceituosa, e isso se demonstrava em todos os âmbitos da política, da economia, da cultura e, claro, do esporte.

Referências

- VOSER, Rogério da Cunha. Futebol e sociedade no Brasil : uma síntese analítica dos aspectos psicossociais do futebol em relação a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Centro Educacional do Realengo, 1990. 40 f.
- FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, c1964. 402 p
- CARVALHO, José Murilo. Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1987.
- PATTO, Maria Helena Souza. Estado, Ciência e Política na primeira república: a desqualificação dos pobres. Revista Estudos Avançados-USP. 1999, p 167-197.
- SOARES, Antonio Jorge. Futebol, Raça e Nacionalidade: releitura da história Oficial. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, 1998.
- ASSAF, Roberto. ‘Campeonato Carioca – 1902-1997’. Rio de Janeiro: Editora Irradiação Cultural, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. 'Footballmania' – uma história do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

Clube de Regatas Vasco da Gama. Memória do cinquentenário: 1898-1948. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, [194-?]. 270 p.

SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção tudo é história)